



O Ginásio Nilson Nelson, que já abrigou grandes espetáculos em Brasília, está interditado há quatro anos

Defesa Civil exige mais segurança

Desde o final do ano passado, o Corpo de Bombeiros e a Defesa Civil decidiram agir firme na fiscalização da segurança dos locais usados para shows, o que reduziu ainda mais as opções disponíveis. A Academia de Tênis, que nos últimos anos chegou a receber um público de até 6 mil pessoas para assistir Jorge Ben Jor, Lulu Santos e os grupos baianos Timbalada, Ásas de Águia, Cheiro e Amor e Ricardo Chaves, entre outros, acabou com o seu ginásio interditado para grandes eventos, eliminando uma das poucas alternativas existentes na cidade.

Os clubes, explicam os empresários, se preocupam com a concentração de público e temem depredações. Por isso, os promotores são

obrigados a investir num forte esquema de segurança, no local dos shows e na saída, onde o policiamento por parte da PM sempre é insuficiente. "Cada show desses acaba envolvendo tanta tensão que, sem um espaço adequado, preferi suspender a realização de mega shows", afirma Valdemar Cunha da Art Way.

O público jovem é o grande filão no qual os empresários da área cultural estão investindo. Os shows de axé music, pagode, rock e de alguns astros da MPB, como Jorge Ben Jor, têm arrastado milhares de pessoas do Plano Piloto e cidades satélites para os espaços disponíveis, muitos localizados em áreas de difícil acesso no setor de clubes.

Sérgio Maioni, da Monday Monday, preferiu fugir da briga pelos espaços fechados e parte este ano para realizar a 3ª Micarê Candanga, que no ano passado arrastou para o Eixão cerca de 80 mil pessoas, que acompanharam três trios elétricos debaixo de muita chuva. "Estão fechando aos poucos todos os espaços disponíveis," lamenta Maioni.

Driblando o problema, ele resolveu investir num grande evento de rua. "Este ano nossa meta é arrastar em agosto 200 mil pessoas para a Micarê e mudar o roteiro, passando para a Esplanada dos Ministérios, que a cara da geração que nasceu na cidade e não tem nada a ver com a corrupção", afirma.